

TEM GRETA THUNBERG NO BRASIL? REPRESENTATIVIDADES JOVENS NA LUTA CLIMÁTICA

Adalberto Ferdnando Inocência¹

Diesse Aparecida de Oliveira Sereia²

Mara Luciane Kovalski³

Resumo: Com a última versão do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC) uma série de manifestações eclodiram em diversos lugares do globo, sendo que forte prevalência das mídias focam o protagonismo juvenil do primeiro mundo. Nesse ínterim, a jovem sueca Greta Thunberg tornou-se uma evidência no protagonismo jovem contra as Mudanças Climáticas (MC). Sem desabonar o imprescindível levante jovem europeu, o presente manuscrito problematiza esta centralidade na arena midiática, uma vez que é o terceiro mundo a dimensão global mais afetada pelas MC. Com o intuito de guinar a chave eurocentrada das manifestações, num segundo momento, evidenciam-se lideranças brasileiras com destaque para o ativismo indígena de Txai Suruí.

Palavras-chave: Mídia; Mudanças Climáticas Globais; Política Internacional.

Abstract: With the latest version of the Intergovernmental Panel on Climate Change (IPCC), a series of demonstrations broke out in different parts of the world, with a strong prevalence of media focusing on youth protagonism in the first world. In the meantime, the young Swedish woman Greta Thunberg has become an example of youth leadership against Climate Change (CM). Without discrediting the essential European youth uprising, this manuscript problematizes this centrality in the media arena, since the third world is the global dimension most affected by MC. In order to change the Eurocentric focus of the demonstrations, in a second moment, Brazilian leaders are highlighted, highlighting the indigenous activism of Txai Suruí.

¹ Universidade Tecnológica Federal do Paraná. E-mail: afinocencia@utfpr.edu.br.

² Universidade Tecnológica Federal do Paraná. E-mail: diesseoliveira@utfpr.edu.br.

³ Universidade Tecnológica Federal do Paraná. E-mail: marakovalski@utfpr.edu.br.

Keywords: Media; Global Climate Change; International Politics.

Introdução

De acordo com a jornalista estadunidense Naomi Klein (2022) a inclinação de jovens na luta contra as Mudanças Climáticas Globais vem se dando com base no reconhecimento de que esta é a população mais afetada pelas mudanças, haja vista que, com o passar das décadas, as pessoas mais jovens tenderão a vivenciar o progressivo agravamento dos seus efeitos. Um dos traços das MC é a forma com que afetam de modo desigual a população, sendo os marcadores de desigualdade, como classe social, raça e idade, elementos que interferem como os efeitos das mudanças são sentidos pela população global. Vivenciamos um tempo histórico marcado pela transição da percepção jovem acerca desses efeitos, elemento que os coloca na posição de linha de frente, pelo menos no que tange às manifestações populares, como as greves pelo clima, que vem acontecendo em diversos países do mundo.

O mês de março do ano de 2019 marcou a primeira Greve das Escolas pelo Clima no mundo. De acordo com Klein (2022), nesta data houve quase 2.100 greves contra as MC em 125 países, com a presença de mais de um milhão e meio de jovens, o que denota reivindicações e lutas emergentes, quando comparado à militância dos Movimentos Sociais nas últimas décadas.

As reivindicações e prioridades de cada manifestação ganharam a tônica de cada país. Vale à pena citar alguns elementos para que se evidencie a dimensão multifacetada que envolve esta luta. A exemplo, na Cidade do Cabo, na África do Sul, as centenas de adolescentes clamavam aos políticos eleitos que interrompessem a aprovação de novos projetos que contribuíssem para o aquecimento do planeta. A metrópole estava se reestabelecendo de um recente desabastecimento de água, decorrência de anos de chuvas escassas. Em Vanuatu, nação localizada na região insular do Pacífico, os jovens clamavam: “Eleve sua voz, não o nível do mar”. O enunciado fazia alusão à perda das ilhotas que compunham as Ilhas Salomão para o aumento do nível do mar, localizadas próximo a Vanuatu. Enquanto isso, em Delhi, na Índia, país que costuma ter os piores índices de poluição do mundo, era possível encontrar enunciados como “Vocês venderam nosso futuro só pelo lucro!”. Na mesma linha, “Vocês falharam terrivelmente com todos nós. Nós merecemos mais. Nós, jovens, não podemos nem votar, mas teremos que viver com as consequências da omissão de vocês” era um enunciado emitido por Nosrat Fareha, jovem australiana de quinze anos.

Citados esses casos, apresenta-se, agora, o contexto de emergência para que os mesmos tenham se tornado possíveis em diversos lugares do globo.

O efeito Greta Thunberg: jovens se articulam frente às mudanças climáticas

A jovem sueca Greta Thunberg começou a estudar sobre MC aos oito anos de idade, antes de ser iniciada na educação escolar. À medida que crescia e tendo contato com novas publicações científicas referentes ao tema, foi capaz de traçar a relação existente entre países como o que ela habitava e os maiores emissores de carbono do mundo. A jovem não compreendia como nações do primeiro mundo não apenas não encampavam uma guinada diante da problemática, como, também, continuavam num ritmo de produção que desconsiderava a situação da Terra para 2040, 2060, 2080 e assim por diante, caso mudanças abruptas não sejam tomadas ainda neste decênio. Também é necessário pontuar o caso *sui generis* de Greta, haja vista que a jovem fora diagnosticada com uma forma de autismo⁴ que costumava ser chamado de síndrome de Asperger, o que a fez se concentrar intensamente em assuntos do seu interesse e talvez ajude a explicar por que Greta tomou o que estava aprendendo sobre MC de um modo tão pessoal e mais difícil de lidar do que as demais pessoas (Klein, 2021). Para Klein (2022) esse traço foi fundamental para que a jovem voltasse sua atenção para o colapso climático, chegando até a leva-la à depressão profunda, por volta dos onze anos.

Diante da assimilação nociva desses dados, no mês de agosto de 2018 Greta não foi para a escola quando as aulas começaram. “Por que devemos estudar para um futuro que logo não existirá, já que ninguém está fazendo qualquer coisa para salvá-lo?”, “E qual é o sentido de aprender os fatos condicionados ao sistema escolar quando os fatos mais importantes trazidos pelos melhores cientistas desse mesmo sistema escolar claramente não significam nada para nossos políticos e a sociedade?” (Klein, 2021, p. 11), estas foram algumas questões levantadas pela jovem acerca do modo com que as instituições escolares (não) estão abordando essas mudanças.

Em vez disso, a jovem seguiu rumo ao parlamento sueco e sentou-se à frente do prédio com um cartaz simples, que dizia “GREVE DAS ESCOLAS PELO CLIMA”, em maiúsculo. Como a jovem passou todas as sextas-feiras repetindo esse ritual, a ação, no futuro, passaria a ser conhecida como “Fridays for Future” ou “Sextas-Feiras pelo Futuro”. No início, a esmagadora maioria das pessoas ignorava a presença de Greta em frente ao parlamento. Foi progressivamente e de forma curiosa que seus protestos ganhavam espaço nos noticiários, o que possibilitou que o movimento fosse adensado por demais jovens incomodados com a mesma causa. Com o tempo, Greta passou a ser chamada para falar em comícios pelo clima, depois em conferências climáticas das Nações Unidas e aos líderes da União Europeia, do parlamento britânico, no TEDxStockholm, no Vaticano e até convidada a subir uma famosa

⁴ Acerca disso, vale citar uma de suas declarações: “De muitas maneiras, eu acho que nós autistas somos as pessoas normais e o resto do mundo é muito estranho” (KLEIN, 2021, p. 16).

montanha na Suíça para falar com ricos e poderosos no Fórum Econômico Mundial Anual, em Davos. Suas posições eram pungentes, expressas através de verdades curtas e mordazes. Vale reproduzir seu pronunciamento aos líderes mundiais e aos diplomatas presentes na ONU, em setembro de 2019, de acordo com Klein (2022, p. 31):

Vocês estão falhando conosco. Mas os jovens estão começando a entender essa traição. Os olhos de todas as gerações futuras estão voltados para vocês. E, se escolherem falhar conosco, eu prometo, nós nunca vamos perdoá-los. Não deixaremos que escapem impunes. Vamos definir os limites, aqui e agora. O mundo está despertando. E a mudança está a caminho, gostem ou não.

Também pronunciou da seguinte forma, aos negociadores das MCem Katowice, na Polônia: “Vocês não são maduros o suficiente para dizerem como é. Até esse fardo vocês deixam para nós, crianças” (Klein, 2021, p. 12). Ao passo que se direcionou aos membros do parlamento britânico: “Vocês estão entendendo meu inglês? O microfone está ligado? Porque eu estou começando a me perguntar essas coisas” (Klein, 2021, p. 12). Finalmente, abordou os ricos e poderosos que enalteciam sua presença em Davos: “Eu não quero que vocês se sintam esperançosos (...) Eu quero que vocês entrem em pânico. Eu quero que vocês ajam como se sua casa estivesse em chamas, porque ela está” (Klein, 2021, p. 12).

Ao se mobilizar desta forma, Greta enseja uma guinada importante nas lutas acerca da governança climática: em vez de clamar pelas gerações futuras, ela direciona sua militância política aos bilhões que vivem hoje (KLEIN, 2021).

Dada sua progressiva visibilidade na cena global, em dezembro de 2019, a revista Time escolheu Greta como “Pessoa do ano” (Figura 1), evidenciando seu ativismo sobre crise climática, e sendo a personalidade mais jovem de todos os tempos a figurar na capa da revista.



Figura 1. Capa da revista Time, edição de 2019, que escolheu Greta como a “Pessoa do ano”.

Fonte: G1, Globo (2019).

Ainda no mesmo ano, a ativista fora representada na forma de um fantoche gigante em uma greve massiva em Düsseldorf, na Alemanha (Figura 2). Enquanto no ano seguinte, desta vez durante um feriado, a ativista ganhou um boneco no carnaval de Olinda, no Brasil, denotando que sua influência já era transatlântica (Figura 3).



Figura 2. Carro alegórico que representa a defensora ambiental sueca Greta Thunberg durante uma greve escolar que exigia ação contra a mudança climática, na praça da prefeitura de Duesseldorf, Alemanha.

Fonte: G1, Globo, (2019).



Figura 3. Boneco gigante de Greta Thunberg no carnaval de Olinda.
Fonte: Pernambucc.com (2020).

A progressiva trajetória de Greta é exemplar acerca do quanto o ocidente é “adultocêntrico”, isso é, desconsidera as visões de mundo ensejadas pelas infâncias, vendendo a promessa de que adultos estão governando bem e nos levando a um mundo melhor, uma vez que são mais capazes de governar pela racionalidade. Como constata Klein (2022), mesmo que os discursos de Greta não tenham resultado em medidas drásticas por parte dos líderes mundiais, suas palavras “eletrizaram” muita gente, de forma que jovens de diversas partes do mundo passaram a dar aderência ao movimento “Sextas-Feiras pelo Futuro”. É inviável desconsiderar a importância da jornada que a jovem tem empreendido, ganhando agência de uma escola sueca até parlamentos e grandes eventos mundiais, visibilizando a necessária pauta referente às exigências que, em um determinado momento, todos nós teremos que exercer sobre a humanidade como ela fez com a própria família acerca de como levamos nossos modos de vida dependentes de carbono e “[...] encerrar a lacuna entre o que sabemos sobre a urgência da crise climática e como nos comportamos” (Klein, 2021, p. 14).

Em setembro de 2019 ativistas jovens pelo clima, cujas idades variavam entre oito e dezessete anos, apresentaram formalmente uma queixa oficial à ONU fundamentada no tratado internacional conhecido como Convenção sobre Direitos da Criança. A denúncia traz como signatários da ONU países como Argentina, Brasil, França, Alemanha e Turquia, situando-os como as nações⁵ que produzem as maiores quantidades de gases do efeito estufa.

É interessante mencionar essa denúncia uma vez que a mesma condensa uma pauta em comum entre primeiro e terceiro mundo. Os dezesseis jovens ativistas que a assinam são: Greta Thunberg e Ellen-Anne, da Suécia;

⁵ Os Estados Unidos e a China são os dois maiores emissores de carbono do mundo, mas não adensam essa denúncia uma vez que os Estados Unidos não assinaram a Convenção sobre os Direitos da Criança, e a China não assinou a parte que permitia que o país fosse processado.

Chiara Sacchi, da Argentina; Catarina Lorenzo, do Brasil; Iris Duquesne, da França; Raina Ivanova, da Alemanha; Ridhima Pandey, da Índia; David Ackley III, Ranton Anjain e Litokne Kabua, das Ilhas Marshall; Deborah Adegbile, da Nigéria; Carlos Manuel, de Palau; Ayakha Melithafa, da África do Sul; Raslen Jbeili, da Tunísia; e Carl Smith e Alexandria Villaseñor, dos EUA.

Apresentadas essas considerações, sublinha-se que não se desabona o protagonismo de Greta, mas questiona-se, dentre outras coisas, por quais razões demais jovens que se movimentaram e se articularam de forma semelhante não tiveram o mesmo respaldo e visibilidade nas mídias? Dado que países primeiro-mundistas foram os que mais contribuíram para a emissão de carbono do mundo, basta que jovens provenientes dessas nações capitaneiem as lutas capazes de estabelecer outra projeção para as MC? Ademais, não se incorre num potencial problema que a projeção e visibilidade de jovens do primeiro mundo acabe contribuindo para uma representação de que as pautas propostas por estes culminarão em uma solução global, de modo que fica em segundo plano o que pensa o sul global?

O deslocamento epistêmico de Txai Suruí: as cosmologias indígenas também querem decidir

Problematizamos, com base nas teorizações de Ferdinand (2022) e sua chave decolonial para a ecologia, que os saberes – e, consequentemente, as lutas que deles decorrem – produzidos unicamente pelo primeiro mundo, podem limitar a cosmovisão ecológica que a humanidade vem construindo como contraposição ao reconhecimento da crise ecológica e seus efeitos mais recentes, as MC. A primeira característica apontada por Ferdinand (2022) nesse rol de movimentos ambientalistas que patinam na perspectiva colonial de pensamento é “[...] a ausência gritante de pessoas Pretas e racializadas⁶ tanto nas arenas de produção de discursos ambientais como nos aparatos teóricos utilizados para pensar a crise ecológica” (Ferdinand, 2022, p. 23). Essa lacuna não apenas continua a contribuir diretamente para a manutenção de uma hierarquia racista que caracterizou o Ocidente, como fora condição histórica para a construção do mesmo. A ideia que se faz do Ocidente situou a raça como pedra angular de uma construção sociopolítica para a qual “Branços estão acima dos não Brancos”.

Ainda que não tenha nenhum respaldo científico, tal construção, ensejada na força das violências física e simbólica da metrópole sobre a colônia, sustentou uma visão de mundo eurocêntrica ou eurocentrada, a qual localizou o continente Europeu como sinônimo de centro de irradiação dos saberes verdadeiros ou valorados, descaracterizando os sistemas de pensamento das demais partes do mundo, os quais, não por acaso, não se parecem com a métrica europeia. Assim, esta vertente de pensamento entende que o ambientalismo foi forjado como uma corrente de pensamento incapaz de

⁶ As populações indígenas são abrangidas na expressão racializadas.

questionar as injustiças sociais, as dominações políticas racializadas ou demais hierarquizações como a raiz de um mesmo fenômeno.

Não à toa, o panteão de pensadores do movimento ambientalista se caracteriza por homens brancos europeus, mas também estadunidenses, que levavam um modo de vida livre, viviam sozinhos e pertenciam a classes sociais abastadas, dos quais o autor cita como exemplos Jean-Jacques Rousseau, Pierre Poivre, John Muir, Henry David Thoreau, Aldo Leopold e Arne Naess. Foi somente na década de 1960 que o movimento em questão extrapolou suas bases, problematizando o lugar da mulher no ambientalismo, do qual nascem eixos caudatários, como o ecofeminismo e a justiça social como componentes da luta ambiental. Ainda assim, a complementação propiciada desses elementos não foram o suficiente para uma decolonização do movimento.

Esse conjunto de fatores contribuiu para a “cara” de um ambientalismo branco, aqui compreendido como protagonizado e, muitas vezes, reduzido a um grupo de pessoas brancas. Como uma das consequências mais imediatas, tem-se, com base em Ferdinand (2022, p. 24) que:

[...] especialistas em meio ambiente com frequência tomam a palavra nas conferências como se todo esse mundo, com suas histórias, seus sofrimentos e suas lutas, não tivesse consequências na maneira de pensar a Terra. Disso decorre o absurdo de uma preservação do planeta que se manifesta pela ausência daqueles “sem os quais”, escreve Aimé Césaire, “a terra não seria terra”. Ou essa fratura fica totalmente oculta por trás do argumento falacioso de que os não Brancos não se preocupam com o meio ambiente ou então ela é relegada a tema secundário ao “verdadeiro” objeto da ecologia.

Na esteira de Ferdinand (2022), importa sublinhar quem foram e são os pensadores do ambientalismo, uma vez que os mesmos “dão cara e cor” para as teorizações, as formas de ação, seus métodos, suas manifestações e reivindicações, e assim por diante. Disso decorrem questões atinentes ao objeto de estudo deste manuscrito: um ambientalismo galgado na visão de mundo eurocentrada e que omitiu os traços da colonização, impôs o colonizador no topo da hierarquia de valores decorrendo, como consequência, toda a experiência do homem Branco⁷ (Ferdinand, 2022).

A própria maneira com que um lobby global antiecológico age afeta de forma possivelmente mais forte o Sul Global do que o Norte, de forma que ambientalistas são muito mais atacados por grupos de empresários e governo nessa metade do mundo (Alier, 2018). Um exemplo contemporâneo do impacto ambiental que se produz nessa lógica de dominação do Terceiro pelo Primeiro Mundo se expressam na corrida armamentista nuclear, fora explorada por, Frantz Fanon (2022), para ficar neste exemplo.

⁷ O autor usa em Maiúsculo a fim de enfatizar o traço de dominação racial.

Como herdamos esse ranço da tensão colonial, composta por essa série de dominações, dos homens sobre as mulheres, dos ricos sobre os pobres, dos cidadãos sobre os camponeses, dos cristãos sobre os pagãos, dos Brancos sobre os árabes e pretos, questionamos até que ponto a potencialização midiática sobre a figura política de Greta pode culminar num apagamento existente acerca da heterogeneidade de lutas que diversas populações empreendem diante das MC, especialmente as encampadas no terceiro mundo.

Tais questões não devem ser entendidas como uma associação leviana entre a figura de Greta e os interesses capitalistas do Primeiro Mundo na solução de problemas ambientais. A jovem sueca não é partidária, nem reverbera as soluções galgadas num otimismo tecnológico ou nas soluções de viés liberal, como as políticas de crédito de carbono, para ficar neste exemplo. Em vez disso, nosso questionamento se orienta mais ao indagar se o mesmo apagamento referido anteriormente contribui por facilitar uma compreensão social homogênea da luta política ambiental, como se todos os povos falassem a mesma língua, usassem, da mesma forma, as tecnologias, reivindicassem um mesmo formato para a transição energética, em suma, produzissem uma mesma narrativa sobre a relação que estabelecem com a Terra.

Sobre isso, Alier (2018) já sinalizou que existe uma falta de vontade ou incapacidade das autoridades em compreender as mensagens codificadas em termos diferentes daqueles do discurso econômico dominante, o que pode ser interpretado, na chave analítica proposta ao nosso objeto, como os discursos dominantes do Primeiro Mundo. Seguindo as pistas deixadas pelos autores adotados, cabe questionar: De que modo são levadas em conta pelo primeiro e segundo setor as mensagens emitidas pela população dissidente? Como o Estado compreende ou elabora pautas provenientes das populações indígenas, quilombolas e ribeirinhas?

Ao citar a experiência francesa, Ferdinand (2022) narra que a figura do “outro”, colonizado, não ocupou um lugar importante no seio do movimento ecologista francês, o qual fora expulso com a “sua” história para um fora reforçado pela miragem de uma dicotomia Norte/Sul. “Disso resulta uma *simpatia-sem-vínculo* em que os problemas dos outros de lá são admitidos sem, com isso, serem reconhecidos seus vínculos materiais, econômicos e políticos com o aqui” (Ferdinand, 2022, p. 29). Assim, “Oculta-se a durabilidade das violências e toxicidades psíquicas, sociopolíticas e ecossistêmicas das ‘ruínas do império. Subestima-se, da mesma forma, a ecologia colonial das ontologias raciais’” (Ferdinand, 2022, p. 31).

Na esteira de Ferdinand (2022 grifo do autor), que propõe o *deslocamento epistêmico*, pensando a ecologia a partir do mundo caribenho, deslocamos o foco para os saberes brasileiros, mais precisamente os saberes indígenas ensejados pela representatividade de Txai Suruí, liderança jovem na luta climática, como uma maneira possível de adensar a fratura colonial.

A escolha se dá pela visibilidade recente que a mídia, hegemônica e alternativa, se voltou à jovem, única brasileira escolhida para discursar na Conferência das Partes número 26 (COP 26) (Quem..., 2021). Também fora visibilizada em uma edição da revista National Geographic, juntamente a outras duas personalidades, como representante do protagonismo das mulheres na luta climática (Di Bella, 2022).

Txai nasceu dos Povos Suruí, em Rondônia, e é conhecida em seu estado pelo seu ativismo contra o desmatamento da Amazônia. A jovem foi a primeira de seu povo a cursar direito na Universidade Federal de Rondônia, aspirando defender a causa indígena em seu estado. No âmbito dos movimentos sociais, ela é fundadora do Movimento da Juventude Indígena de Rondônia e conselheira da *World Wildlife Fund* (WWF) e do Pacto Global da ONU, além de voluntária da ONG Engajamundo. Nas redes sociais, suas postagens tiveram amplo alcance quando a jovem liderou atos pedindo a saída do então presidente Jair Bolsonaro (sem partido) e nas vezes em que denunciou o avanço de setores do agronegócio sobre as terras indígenas Eru-Eu-Wau-Wau, no estado de Rondônia (Quem..., 2021).

Como deslocamento epistêmico, Txai aciona um saber orientado pelas cosmologias ameríndias, o que, na perspectiva de Ailton Krenak, poderia ser referido como “alianças afetivas” (KRENAK, 2022). Na COP 26, que aconteceu em Glasgow, na Escócia (**Figura 4**), a jovem propôs como medida urgente para as MC uma cosmogonia baseada na confluência entre os seres da natureza, evocando os saberes ancestrais, adquiridos de seu pai:

Meu pai, o grande cacique Almir Suruí, me ensinou que devemos ouvir as estrelas, a lua, o vento, os animais e as árvores. Hoje o clima está esquentando, os animais estão desaparecendo, os rios estão morrendo, nossas plantações não florescem como antes. A Terra está falando, ela nos diz que não temos mais tempo”, disse. (Quem..., 2021, s.p.).



Figura 4. Txai Suruí na COP 26, Escócia, em 2021.

Fonte: <https://www.wwf.org.br/?80429/Txai-Surui-jovem-indigena-brasileira-acaba-de-discursar-na-abertura-da-COP26>.

O conceito de alianças afetivas pressupõe afetos entre “mundos não iguais”. Na prática, envolve levar em conta a constelação de pessoas e seres, cuja finalidade, levada às últimas consequências, é o desaparecimento do

Revbea, São Paulo, V. 19, Nº 7: 255-266, 2024.

humano como único ente capaz de tomar decisões. Estas devem ser tomadas em conjunto, levando em conta a pluralidade de viventes, humanos e não humanos. Para que isso aconteça, se faz necessário um exercício sensível sobre as formas de natureza, a fim de despertar a potência de experimentar outros mundos (Krenak, 2022) que não este esquadrinhado pelo ocidente colonial, o mesmo que erigiu o homem Branco, adulto, munido de bens como topo da pirâmide decisória.

A visibilidade que a jovem brasileira vem ganhando na cena global “embaça” o protagonismo primeiro-mundista como único quem dita os processos de tomada de decisão. É justamente por ameaçar tanto a hierarquia dos saberes e, conseqüentemente, dos processos hierárquicos de tomada de decisão, herdeiros do legado colonial, que a exposição mundial da ameríndia passou a reforçar ameaças, direcionadas a ela e sua família após à COP 26. Nesse sentido, interpretamos que sua figura política dissidente adensa as militâncias ensejadas por figuras como Chico Mendes e Dorothy Stang, também voltadas à floresta Amazônica.

Conclusões

O presente manuscrito teve como objetivo problematizar a centralidade jovem do primeiro mundo que, com a ajuda de mídias hegemônicas e alternativas, capitaneia a pauta das MC. Contudo, direcionamos para a urgência de uma luta contra o aquecimento global e a poluição da Terra inserir-se nas lutas políticas por justiça social, o que implica, de forma incontornável, em desfazer as estruturas coloniais do viver-junto e das maneiras de habitar a Terra que mantêm as dominações de pessoas racializadas. Desta forma, reconhecer a pluralidade de vozes e saberes apagados pela cacofonia das mídias é de suma importância na tarefa de evidenciar a heterogeneidade de lutas que se travam contra as MC no âmbito global.

Referências

ALIER, Joan Martínez. **O ecologismo dos pobres**: conflitos ambientais e linguagens de valoração. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

DI BELLA, Gabi. Txai Suruí: nascida e criada na luta pela conservação da Amazônia. **National Geographic**, 22 jun. 2022. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/meio-ambiente/2022/06/txai-surui-nascida-e-criada-na-luta-pela-conservacao-da-amazonia>. Acesso em: 29 abr. 2024.

FANON, Franz. **Os condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

FERDINAND, Malcom. **Uma ecologia decolonial**: pensar a partir do mundo caribenho. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

KLEIN, Naomi. **Em chamas**: uma (ardente) busca por um novo acordo ecológico. Rio de Janeiro: Alta Books, 2021.

KLEIN, Naomi. **Como mudar tudo**: um guia para jovens que querem proteger o planeta e uns aos outros. Rio de Janeiro: Rocco, 2022.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

QUEM é Txai Suruí, indígena e única brasileira que discursou na COP 26. **G1**, Rondônia, 2 nov. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/ro/rondonia/natureza/amazonia/noticia/2021/11/02/quem-e-txai-surui-indigena-e-unica-brasileira-que-discursou-na-cop26.ghtml>. Acesso em: 29 abr. 2024.